

# O RETIRANTE

ORGAM DAS VICTIMAS DA SECCA.

PUBLICAÇÕES PARTICULARES: 80 RS. POR LINHA

PUBLICA-SE SEMANALMENTE.

PREÇO DA ASSIGNATURA: 1\$000 MENSUAES.

Anno I.

Fortaleza — Sabbado, 2 de Fevereiro de 1878.

N. 32

## O RETIRANTE.

FORTALEZA, 2 DE FEVEREIRO DE 1878.

Um panico horrivel adeja sobre esta cidade.

Marchamos á passos accelerados para um abysmo medonho e insondavel

Já falseia a nossa esperança sobre o inverno, embalde e anciadamente esperado á todos os instantes.

Já esgotou-se o mez de Janeiro, que nada mais foi do que—um mez de secca... uma esperança perdida!

Vamós de decepções em decepções.

Com a mais anhelante anciedade esperavamos que o vapor chegado ante-hontem trouxesse o novo presidente e surpresos ficamos, quando tivemos a certeza do contrario, e que continuava ainda um malvado a dirigir os destinos d'esta infeliz provincia!!

Quanta fatalidade opprime-te Ceará! Que crime é o teu?

João José Ferreira de Aguiar!—este Caligula moderno—é o nome do presidente mais sinistro e perverso, que ha sido pronunciado com mais asco e horror n'estas plagas do norte.

Não satisfeito este Macron, com milhares de victimas que já ha por sua celebre perversidade feito descer ao tumulo—continúa e as escancaras a matar o povo á fome e á falta de remedios!

Spasmoso é o numero das pessoas que succumbem por dia: eleva-se a mais de 70!

Onde vamos nós parar levados assim por esta corrente vertiginosa de destruição?!

Colocado sobre um volcão e á braços com a mais crescente miseria, na cumiada do desespero, e attrahido pelo abysmo o povo não sabe o que faça: soluça e succumbe!...

A febre amarella, a terrivel febre amarella, esta maldita filha do Ganges, já impersobranceiramente por todos os angulos d'esta cidade, e abrindo claros immensos nas fileiras da humanidade!

O povo morre de fome ali aos montões, nas praças publicas, á falta de tratamento, de fome e envenenado pela farinha calcarea da commandita Livramento, Aguiar & C.!!

No maseilento semblante do povo, vê-se esteriotipado a synthese do mais cruel soffrimento.

Pelas ruas d'esta cidade, anda elle nú, trapilha, envergonhado, e receioso por onde passa, como bando de gansos espantados, e sujo á mais não ser, sujo, como o deve de ser a alma do Sr. Aguiar!!

Exhala um fetido horrivel, insuportavel, o que dá lugar ao nosso miserabilissimo estado sanitario!

Por toda a parte só se ouve o surdo e monotonico lamento do povo, que é um forte protesto contra o procedimento hediondo de uma fera sedenta de victimas, e de um perverso cynico como sôe ser um corbarde carrasco em pé sobre o tablado do patibulo, ostentando poderio, contra uma pobre victima tremula e algemada á seus pés!!...

Pobre e infeliz povo o que será de ti? que futuro te aguarda?...

De todos os certões chegam-nos as mais dolentes noticias.

Da povoação da Venda para Russas, uma grande extenção, só se ouvem gemidos extremos, e baldados gritos de soccorro e choados no deserto; só se encontram cadaveres e esqueletos ás montanhas, que, já não se enterram: servem de alimento aos cães famintos! Que horror, oh céos!

E' uma miseria tamanha que horrorisados até as medulas dos ossos nos recusamos descrevel-a!

Por ali, os fossos das estradas regorgitam de esqueletos, brancas e humanas ossadas e de cadaveres á tona do solo!

E, entretanto, o Sr. Aguiar, este celeberrimo presidente, sobre cuja cabeça pesa a maldição celeste e a maldição popular, ri-se estridulamente e regosija-se com o soffrimento do povo!...

Outro procedimento não era de esperar de um perverso commanditario!

### Feliz—Felippe!

O Sr. Aguiar era tão necessario ao Sr. Felippe Sampaio, como o Sr. Felippe Sampaio ao Sr. Aguiar.

De *engenheiro de tabocas*, passou a ser engenheiro da thesouraria provincial; mas em quanto vê de que lado sopra o vento, apesar de seus protestos liberaes, o conselheiro Aguiar o encarregou de tornar *deslumbrante* o edificio de propriedade do Club Cearense—a custa do moribundo erario da provincia.

Os 15 por cento tirados aos pobres em-

pregados provinciaes lá estão sendo estraviados em criminosas sumptuosidades da casa—das danças e bebedeiras—a pretexto de hospedagem á S. M. Imperial!

Em quanto todas as classes da provincia e de fóra d'ella si reúnem em commissões de soccorros, a sociedade do *Club Cearense* tem-se tornado digna de execração, *bailando* no meio da miseria, cercada de esqueletos e cadaveres.

E como tal sociedade não tivesse verba para derramar mais luxo n'aquelle edificio convertido em—verruga na face da caridade—o Sr. Aguiar aproveita o pretexto da visita imperial para o fazer, a custa de nosso exangue orçamento.

E' revoltante impiedade Sr. conselheiro, insultar assim a população que chóra de frio e de fome!

Mas já não é isto o que nos causa impressão; si não a razão porque S. Exc. pon-do a margem o serviço dos 26 *engenheiros* que com tamanhos gastos aportaram á nossas plagas, para confiar a direcção de tal obra ao *engenheiro da thesouraria*?

Será debique á visita imperial?!

## COLLABORAÇÃO.

### O Sr. Aguiar.

Qual é a missão de um governo, perguntamos? Será promover até o ultimo limite a miseria nos seus governados?

Não, mil vezes não; porque a sua missão é muito pelo contrario promover-lhes a felicidade no maior auge. N'isto consiste a razão da sua existencia.

Infelizmente, porém, não é esta a missão do governo do Ceará.

O actual governador d'esta provincia affasta-se inteiramente da norma do dever: opprimir, devastar, levar a miseria ao seu cumulo, matar todos os elementos de vida, anniquilar esta provincia, reduzi-la ao seu primitivo estado, ao nada, lançal-a emfim na obscuridade, riscal-a do mundo conhecido—eis o programma do Sr. Aguiar.

Os seus actos assim nol-o tem demonstrado.

E' necessario, absolutamente necessario, que se diga, que se torne bem patente aos olhos de todo o mundo que ha um homem no imperio do Brazil, um ente que indignamente e por infortunio se pertence a especie humana, que se, o nomea-

MUTILADO

do para governar uma provincia, que jazia sob a pressão da miseria e que por isso reclamava os mais serios cuidados, resolveu cumprir sua missão de um modo mui diverso d'aquelle que lhe aconselhavam todas as leis da humanidade.

Quando todos esperavam que esse homem, esse ente abjecto que nada mais merece do que o vituperio e todos os epithetos dignos de um sanguinario, o desprezo publico, emfim; quando justamente se esperava que esse homem viesse trazer um allivio aos gravissimos males que affligem a provincia, foi justamente quando centuplicou a intensidade dos nossos soffrimentos.

Esse homem, que para maior ignorancia sua, se mostrou a principio compadecido da sorte afflictiva dos cearenses, não tardou em revelar a mais descarada hypocrisia, não tardou em provar que accumulava em si toda a perversidade que é possível conter-se em um ente, que não tem pundonor, nem consciencia, nem dignidade, nem o minimo vestigio de compaixão pelo seu proximo, que emfim não é um homem mas um monstro que timbra em cevar-se nas victimas que tem prostrado, que é uma fera das mais sanguinarias.

Quem assim zomba do seu proximo, quem timbra em escarnecer da miseria publica com tão revoltante cynismo, quem trata de a todo transe pôr termo á existencia do seu semelhante, quem publicamente e com tanto descaramento emprega os meios mais torpes e ignobéis para conseguir tão ruins intentos, está excluido da lista dos racionais: é mais uma fera do que um ser humano.

Si Deus não vier em nosso auxilio com a sua efficaz providencia, si o Sr. Aguiar continuar na presidencia do Ceará, a nossa cara provincia vai ser precipitada no abismo, vai exhalar o ultimo suspiro, vai fechar os olhos ao mundo!

Isto é concludente. Reunido o agente meteorologico ao agente humano, reunidos estes dois flagellos ambos tendentes a matar a provincia, infallivel é a extincção da victima já moribunda.

Parece incrível que tanta infamia, tanto cynismo se reünam n'um só homem!

Parece incrível que nem ao menos por um momento o nobre designado do governo geral se lembre da alta missão que lhe incumbe, missão toda de caridade, de providencia, de fraternidade!

Nem sequer se lembra esse miseravel, de ao menos por um capricho que muitas vezes acompanha mesmo os homens de ruin condição, cumprir ainda que pequena escala esse mandato de que o proprio Christo foi exemplo vivo.

O muito que temos dito no intuito de exprobar o perverso procedimento do administrador mais detestavel, que tem tido o Ceará, ainda é pouco para que elle seja reduzido á justa posição que lhe compete. É preciso não largar mão do assumpto; é preciso que todos se levantem e se colloquem á altura da momentosa questão que a todos affecta. A indifferença n'este ponto é um crime imperdoavel.

A esse, alho rancoroso, a esse energu-

meno, já não bastava a extincção de tantas vidas: era indispensavel inventar um meio de matar tambem o commercio, esse poderoso elemento da vida de um povo.

As victimas da secca applica elle das duas uma: ou a morte ou o exilio; o exilio equivalente á morte em relação á provincia, a morte do commercio, unico agente que ainda aviventava este povo: por consequencia morte completa é o que vamos ter se a Providencia nos não favorecer, banindo do Ceará esse montão de materia imunda que se chama Aguiar.

Todos sabem o meio de que esse assassino se servio para matar o commercio: a invenção de uma commandita com que S. Exc. vai recheando as algibeiras!! Abuso sobre abuso, infamia sobre infamia, e o escarneo sobre tudo isto! E tudo se tolera? E tudo se ha de deixar passar despercebido? Pois o Sr. Aguiar ha de campear infrene sobre nossas cabeças sem a minima correção?!

Não é possível: não, presidente vil, não te pouparemos, não havemos de ter piedade de ti já que a não tens tido de nós.

Basta de oppressão, basta de infamia, basta de perversidade, basta de abusos, basta de escarneo, basta da assassinio!

Appellamos para o governo geral para que sem demora seja removida a triste condição a que estamos reduzidos. Fazei substituir este presidente corrupto. Fallamos em nome dos que soffrem, fallamos em nome da humanidade!

Concluimos soltando o nosso brado de justa indignação:

—Fora o scelerado, fora o infame, fora o assassino!

## NOTICIARIO.

**Erratas.**—Entre outros erros typographicos que se notam no artigo editorial do nosso ultimo numero, avultam os seguintes, que nos apressamos em corrigir; pedindo desculpa aos nossos leitores:

Columna 1.<sup>a</sup>, linha 5.<sup>a</sup>—instinctos, lêa-se: intuitos, dita 1.<sup>a</sup>, linha 16.<sup>a</sup>—podre, lêa-se: torpe, dita 3.<sup>a</sup>, linha 37.<sup>a</sup>—factos, lêa-se: fastos.

**Fallecimento.**—Falleceu hontem, pela manhã, a Exma. Sra. D. Clodezinda Padilha da Cunha Mamede, esposa do Sr. Antonio Paes da Cunha Mamede Junior e filha do Sr. capitão Urcesino Cesar de Mello Padilha.

Succumbio aos 26 annos de idade, deixando entregues a orphandade dous innocentes filhinhos, e á dor da separação eterna os seus paes, esposo e irmãos extremos.

Era uma Sra. virtuosa e de todos estimada pelo seu bondoso coração.

Esposa,—era o auxiliar do marido com o trabalho a que tanto se dedicava; mãe,—era o carinho e desvelo de seus filhinhos; filha e irmã,—era o affecto de seus paes e irmãos, que com justa dor prantêam a sua morte, geralmente sentida.

A' sua pesarosa familia enviamos as nossas condolencias.

**Commissão domiciliaria.**—Em virtude da nova organização que a presidencia deu a esta commissão, foram nomeados membros d'ella os Srs.:

1.<sup>o</sup> districto Henrique Thebérge, 2.<sup>o</sup> Dr. José Pompeu, 3.<sup>o</sup> Telesforo Marques, 4.<sup>o</sup> Marcos Apolonio, 5.<sup>o</sup> Francisco Januario de Santiago, 6.<sup>o</sup> Dr. Ildebrando Pompeu, 7.<sup>o</sup> tenente Felipe Sampaio, 8.<sup>o</sup> João Sampaio e 9.<sup>o</sup> Manoel Francisco da Silva.

Por este acto de S. Exc. vê-se que os commissarios Santos Neves, Joaquim Domingues e Pedro José da Costa, foram, *ipso facto*, dispensados; no entanto continuam exercendo aquella ardua tarefa.

Decididamente, o Sr. Aguiar, depois da assenção do partido liberal, perdeu de todo a cabeça, se é que a tinha.

Pobre velho! Coitado!

**Crime horroroso.**—Foi já chamado a attenção do publico e da inspeccoria da saude publica, sobre a farinha misturada com cal, que está sendo fornecida pelo governo aos famintos retirantes cearenses!

Ha ainda pouco tempo foi arcabuzado um chefe de estado maior do exercito Russo, por ter commettido igual crime, portanto, é de equidade, que, tambem o seja o chefe da commandita Livramento, Aguiar & C.<sup>a</sup>, igualmente fornecedor de farinha calcarea!

Amaldiçoamos o infame triunvirato em nome das victimas da secca, e d'aquelles, que tem succumbido envenenado pela cal!...

**Generos avariados.**—Com esta epigraphe abre a *Constituição* de 31 de Janeiro, o seu noticiario, transcrevendo em seguida algumas linhas *esclarecedoras* e firmadas pelo Srs. John Mackee e Victoriano Borges.

O Sr. Mackee, foi certamente victima de sua boa fé, assignando inconscientemente tal defeza; o seu collega, porem, como infelizmente para si, já não tem imputação, nenhum merito pode ter o seu protesto; por isso que, parte donde parte, e não ha duvidar que os generos estão apodrecendo empilhados nos armazens e que milhares de saccos de farinha podre e carne do sul, hão sido sepultados no mar.

E, no passo que se dão taes desperdícios o povo está morrendo de fome e coberto de andrajos!

## LITTERATURA.

### Espinhos e flores.

Onde está o coração da mocidade, está a esperança do futuro.

LAMARTINE.

Ainda existem misérias  
No seio das gerações,  
Ainda se talam cidades  
Da guerra nas convulsões!  
Ainda tem flores os vícios,  
Ainda tem precipícios  
As preces das multidões!



Ainda tombam cabeças  
De cima do cadafalso,  
Ainda nega-se esmola  
Ao proletário descalço /  
Pedra-las tem o direito,  
Ainda ha preconceito  
Ao justo chama-se falso!

Ainda os vis prejuizos  
E o despotismo voraz  
Abatam os pensamentos  
Que nos incita a paz!  
Ainda se matam idéas,  
Ainda tem epopéas  
A impiedade fallaz.

A força vence a justiça,  
Dita leis a corrupção,  
O crime recebe palmas,  
Rola a virtude no chão!  
As consciências pollutas  
Triumpham sempre nas luctas  
Travadas contra a razão!

Sob o guante dos tyrannos  
Os povos são victimados,  
Os Neros cospem nas leis,  
Os pobres são massacrados!  
A mentira tem medalhas  
E a verdade mortalias  
Nos fossos ensanguentados.

No seu canto de opulencia  
O vicio piza a moral,  
A virtude cheia de ferros  
Cheio de flores o mal!  
Chama-se a honra chimera  
E a probidade severa  
Vai morrer no hospital!

Mas eu desprezo as flores  
Que vão cair sobre os vicios,  
E vem beijar os espinhos  
No fundo dos precipícios!  
Eu antes quero gemidos  
Do que triumphos ungidos  
No sangue dos sacrificios.

Ha quedas que são triumphos,  
Tropeça-se em muita victoria,  
O chão se cobre de luzes  
Quando se tomba com gloria!  
Ha flores que tem venenos,  
Mas ha perfumes e threnos  
Pelos espinhos da historia.

Nocidade tomai a penna  
Que as multidões querem ler,  
O livro é o sol do talento  
Quem lata sabe viver!  
Marchai, n'essas cruzadas  
Se quebram ferreas espadas  
Que fazem o sangue correr!

Tendes sede de saber  
A corrupção vos comprime,  
Algemaram a liberdade,  
Lançaram flores no crime;  
Roma culia aos pedregos  
Quando do crime nos braços  
Achava o vicio sublime!

Marchai que o céu s'estrella  
De muito esperares e de luz,

A vossa espada é a penna  
O vosso estandarte a cruz!  
Dizei ao povo: é sublime  
A lucta que esmaga o crime  
A força que nos conduz!

Sois a vanguarda dos povos  
Além se azula o Sinai,  
A vossa lei é o Syllabus  
Coragem! moços, luctai!  
Embora o vosso caminho  
Juncado seja de espinho  
Coragem! moços, marchai!

Avante, pois, mocidade,  
Nessa cruzada da lei,  
Arrejui vosso batel  
Dizei verdades ao rei!  
Tendes o livro e a crença,  
A vossa bombarda—a imprensa,  
Ensinai ao povo, eserevei.

Fortaleza—Janeiro de 1878.

## CORRESPONDENCIA.

Tamboril, 16 de Janeiro de 1878.

Vai por aqui, por este Sahara, um insondavel oceano de misérias e horrores.

A fome, impavidamente, apresenta suas fauces hiantes e marcha fazendo victimas sem conta.

Tudo é horror e confusão: é uma lucta de vida e de morte!

O povo, esse pobre povo, cujos direitos são garantidos pela Constituição a que nos sujeitamos, esse pobre povo, repetimos, não sabe o que faça: deixa-se como as ondas levar pelos furacões de recontra as duras rochas da praia e alli soltam o ultimo alento, que é um protesto solemne, um brado de maldição contra o criminoso proceder de nosso corrupto governo.

Já não ouve sequer—saver qui peit—phrasa horrivel como o cadaver no banco egypcio, ou a sombra de Banco no festim de Machbeth, pronunciada pelo Sr. Aguiar!

Pereceu a nossa ultima esperanza, que era o apparecimento do novo inverno. O céu apresenta-se-nos nu, iracundo e ameaçador: nem uma nuvem pluvial sobre esta terra...

Algumas que apparecem lá nos limites do horizonte correm amedrontadas e vertiginosamente agitadas por uma tempestade ventuosa, ao furor da qual não ha resistir.

Dentro em breve limitadissimo será o numero dos que respiram debaixo d'este sol de fogo.

Commove o mais empedernido coração—as scenas grandemente dolorosas—que testemunhamos todos os instantes. A emigração é immensa, e o flagio da fome que mane e myra as massas populares, que passam gemendo, nuas e esqueladas não se descrever: a penna estaca e recusa-se, envergonhada de transmittir esses acontecimentos por demais tetricos a posteridade.

Ao paco que o povo solaga a morte de fome em todos os cantos da provincia, até mesmo na capital, sob as sacadas de palácio, a vista do presidente—este ri-se satanicamente sobre o ultimo respiro da agonia humano; e a semelhança da hyena debruçada sobre a presa que jaz debaixo de suas formidandas patas—elle compraz-se com a miseria do povo; tripudia por sobre sua ossada esparsa na provincia inteira e ao som dolente de seus lamentos e ais!

Deixará de ser perverso um homem, que, revestido do cargo de presidente de uma provincia flagiciada por uma tremenda secca de vinte mezes, assim procede? Não! mil vezes não, não!

E' um perverso, responderá assombrada a geração presente e futura.

\*\*\*

Foi nomeado membro da commissão de soccorros d'aqui Francisco Antonio de Souza Azevedo, vulgo—Xico Cego—entidade já tristemente conhecida em quasi toda a provincia pelos seus homages precedentes; um verdadeiro réo incurso no art. 167 do cod. crim. e condemnado a 2 annos, 9 mezes e 10 dias de prisão e a multa de 12 1/2 por cento do damno causado e nas custas, como abaixo o demonstramos (doc. n.º 1); um proletrario, que sem pejo estendeu a mão ao Sr. desembargador Estellita, quando presidente, supplicando uma esmola para não succumbir a fome (doc. n.º 2).

Quanta miseria, quanta irrisão, quanto escarnio lançado á face de nossa sociedade, assim ludibriada! h... Um réo confesso—um pedinte nomeado commissario distribuidor de soccorros á indigencia tamborilense! E' incrível! h...

Isto causa mais que riso—causa asco! Que confiança poderá merecer o celebre Francisco Antonio de Souza Azevedo, perguntamos, não só ao Sr. presidente da provincia, como a todos os habitantes d'esta?

Entretanto, este condemnado á cadeia pelo jury do Principe Imperial, cuja sentença foi confirmada pela Relação do Maranhão, teve a ousadia de tentar empanar reputações solidadas, como sejam as de nossos distinctos amigos coronel Joaquim José de Castro e João Gomes do Rego, cidadãos prestimosos e salientes na sociedade!

Em uma representação dada por Azevedo—o réo falsificador—contra aquelles nossos amigos, perante o presidente da provincia ha trechos commovedores e interessantes, como este:—« Não é a voz de um indigente que falla perante V. Exc. » (Vide doc. n.º 2).

Agora vamos aos documentos: confundamos ao réo e ao papalvo que o nomeou:

N.º 1.

« Em conformidade das decisões do jury, julgando o réo Francisco Antonio de Souza Azevedo incurso no art. 167 do cod. crim. o condemnno em 2 annos, 9 mezes e 10 dias de prisão e a multa de 12 1/2 por cento do damno causado, e nas custas.—Salla das sessão do jury na villa do Principe Imperial, 14 de Setembro de 1877. Luiz Francisco Salvoia. »



« Accordão em Relação etc.—Que vis-  
tos e relatados os autos na forma da lei jul-  
gam improcedente a appellação interposta  
folhas por não se dar nenhum dos casos do  
art. 301 do código do processo criminal.  
Subsista portanto, a sentença appellada e  
pague o appellante Francisco Antonio de  
Souza Azevedo as custas.—Maranhão, 10  
de Julho de 1866.—*Albuquerque Mello*, pre-  
sidente.—*Xavier Cerqueira*, vencido.—*Al-*  
*canforado*.—*Rodrigues de Souza*.—*Barros e*  
*Vasconcellos*.—*J. B. Gonçalves Campos*.—  
*Innocencio de Campos*.»

N.º 2.

« Fortaleza, 1 de Outubro de 1877.—  
Illms. Srs. membros da commissão de soc-  
corros de Tamboril.—Recommendo a Vv.  
Ss. que tomando na devida consideração o  
estado de penuria a que se acha reduzido o  
Sr. Francisco Antonio de Souza Azevedo,  
lhe preste o auxilio que Vv. Ss. julgarem  
conveniente ou empregando-o em algum  
serviço d'essa commissão, afim de que, por,  
qualquer modo, possa elle adquirir meios  
para subsistir com sua familia. Sou com  
toda a consideração—De Vv. Ss.—Att.º Vv.  
e Cr.º Obr.º—*C. Estellita C. Pessoa*.»

## A PEDIDO.

### Acrostico.

á do povo maldito e execrado,  
perverso presidente, corrompido;  
ssassino, demonio, ente perdido,  
pobre Ceará fez desgraçado.

amais um cabra vil e tão safado  
destino d'um povo ha presidido;  
ombra do inferno ennegrecido,  
este presidente tão malvado.

icará em sua fronte eternamente  
stampada, pelo povo victimado  
igorosa maldição ao renegado  
elapso, corruptor e inemente;  
a nova geração que se levanta  
rá o seu nome espraguejado  
epetir e pedir para o malvado  
justiça de Deus tão recta e santa.

e todos os lugares d'esta terra.  
ntre tristes gemidos de agonia,

i... cuve-se uma voz erma e sombria,  
emendo e maldizendo, esta panthera,  
ivando já os cães lá nos caminhos,  
mitando a vil hyena, o presidente  
s vicerias do cadaver com o dente,  
asgam os animaes; mas são daninhos.

### Soneto.

Toma lá, Pernambuco, o teu João:  
Velho + co a pender, deu um bom cacho!  
Orna- guizos, faz soar um tacho...  
Soube residente! é um pimpão!

Liberal como elle—outro não acho;  
E se á fome assolou todo o sertão,  
De esmolos de dez réis até um tustão  
E' prodigo sem par, é esmoler macho!

Sem tecto a muitos fez morrer. é certo;  
Sem lar aos mil e mil lá vão chorando...  
Cada um seu gosto tem;—ama o deserto.

Agora serio, velho miserando;  
Confessa-te, que tens a cova perto;  
Retira, acolhe-te a sombra de Fernando.

### Banha de porca.

Perguntamos ao Sr. conselheiro Aguiar  
o que pretende S. Exc. fazer com os 500  
barris de banha de porca que os seus socios  
mandaram do sul, no valor de 10:000\$000?  
Quem será o commissario nomeado  
para fazer a distribuição d'essa manteiga  
derretida? quantas grammas mandará S.  
Exc. distribuir por cada faminto?

Quanto esbanjamento; 10:000\$000 em  
banha de porco!!!!

### Mais um verrumeiro!

Dizem os moradores da rua da Palma,  
que um tal de Aron está fazendo exercicios  
para ter a patente de sargento no grande  
batalhão dos Alcoforados, Domingues, Cu-  
nha & Alabama....

Será isto exacto?

Chamamos attenção do Sr. juiz de or-  
phãos para as préquices d'esse moderno ala-  
bama.

### Ao caramunjeiro.

A caramunjada trazida no *Cearense* de  
hontem, 27 do cadente, com o nome de de-  
feza a honra e dignidade do juiz de direito  
do Tamboril, conspira a todo o homem de  
espírito livre e alma generosa.

Para que chamas de cão  
A quem pragas te roga? !  
O teu juiz é cobarde,  
E' ludibrio á sua toga!

(Ubi est?)

Uivaste sempre de longe,  
Lá por traz do bastidor;  
O cão que uiva, não morde,  
Nem defende o seu senhor!

O hydrophobico não ladra,  
Baixa a cauda, vai correndo;  
Aqui, alli vai ganindo,  
Com phrenesi se mordendo!

Já vês, pois, que o cão danado  
Morde a si, como fizestes;  
Uivaste, sómente uivaste,  
Nem teu senhor defendestes!

28 de Janeiro de 78.

### Ao publico.

Hontem fui victima de um furto, pra-  
ticadô por um larapio da Boa-Vista, infel-  
izmente meu conhecido, que procurara mi-  
nha protecção para adquirir os meios de  
subsistencia e passagem para o Ceará.

Quando minha mulher e filha arruma-  
vam um bahu na sala de visita, estavam  
suas joias sobre uma mesa, e aproxima-  
do-se d'esta o velhaco, subtrahio um par  
de rozetas com um brilhante branco cada  
um no centro, circulando a cravação de  
ouro uns pingos de esmalte azul. O traba-  
lho artistico é do Porto e moderno; o dia-  
mante regula um botão de calça; o lado  
inferior forma um circulo boleado, ficando  
descoberta a pedra do brilhante; o aro é  
fornido e a molla bastante forte, e o de  
uma rozeta com difficuldade fecha e abre.

Essa joia é de preço de 500\$000 e para  
mim inextimavel por ser um objecto de fa-  
milia.

O audacioso ladrão sahio sem de mim  
despedir-se e sem ser percebido, e condem-  
nou-se miseravelmente na larga conferen-  
cia que depois teve comigo e o delegado; a  
nada cedeu e segue para o Cascavel e Paca-  
tuba onde tem parentes.

A policia e mais autoridades peço coa-  
djvação, bem como aos meus amigos.

Offereço 100\$000 rs. de gratificação á  
quem apprehender, além da minha grati-  
dão, e pago qualquer despesa que não ex-  
ceda a igual quantia.

Cidade do Aracaty, 3 de Janeiro de  
1878.

Manoel Coelho Cintra Junior.

### Ao governo.

Desgraçada, mil vezes desgraçada, é a  
sorte dos infelizes retirantes!

Não sendo bastante o terrivel flagello  
da secca, estamos aqui sem garantias de  
vida.

Não é somente de fome que se morre  
n'esta infeliz povoação, é tambem de balla  
e chumbo pelas mãos dos sicarios!

Doze a quatorze pessoas já foram aqui  
victimas do bacamarte homicida, e algu-  
mas d'ellas, quem sabe, enterradas ainda  
vivas, para não descobrir-se o autor ou au-  
tores d'esses assassínatos!

Dois cadaveres d'aquelles desgraçados  
já foram encontrados; um no cercado do  
Sr. José Cunha, e outro no do Sr. Raymun-  
do Francisco.

Os faccinoras passeiam impunes e zom-  
bando da acção da justiça, que é, ou faz-se  
cega para elles.

Para garantir nossa vida pedimos o au-  
xilio do governo.

Já que estamos condemnados á morrer  
de fome, é justo que, ao menos, estes ulti-  
mos momentos que nos restam de existen-  
cia sejam garantidos pelo governo de S. M.  
o Imperador.

Povoação das Areias, em Mossoró, 4 do  
Dezembro de 1877.

Os retirantes. (4)

CEARÁ—1878—TYPOGRAPHIA IMPARCIAL.—IMPRES-  
SOR, SUIZBERTO PADILHA.